

## O TEXTO DE TRADIÇÃO ORAL NO ENSINO DA ORALIDADE

RAFAEL MENDES<sup>1</sup>; ARNALDO ANTÔNIO DUARTE DE DUARTE JUNIOR<sup>2</sup>;  
DIULI ALVES WULFF<sup>3</sup>; GILCEANE CAETANO PORTO<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [rafaelmendesufpel@gmail.com](mailto:rafaelmendesufpel@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [arnaldo.deduarte@gmail.com](mailto:arnaldo.deduarte@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [diulii.alves@gmail.com](mailto:diulii.alves@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas - [gilceanep@gmail.com](mailto:gilceanep@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Os Direitos de Aprendizagem (BRASIL, 2012), apresentados pelo MEC no âmbito do PNAIC, propõe quatro eixos estruturantes a serem contemplados no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no ciclo de alfabetização: oralidade, leitura, produção de textos escritos e análise linguística. A abordagem apresentada valoriza a importância de um ensino da língua portuguesa que envolva os alunos em práticas de alfabetização que proporcionem a inserção dos sujeitos na cultura oral e escrita. No que tange ao eixo oralidade, de acordo com o MEC (BRASIL, 2012) são oito Objetivos de Aprendizagem a serem introduzidos, aprofundados e consolidados ao longo dos três primeiros anos do Ensino Fundamental. Dentre eles, “Valorizar os textos de tradição oral, reconhecendo-os como manifestações culturais” (BRASIL, 2012, p.43).

Gomes e Moraes (2013) defendem a importância dos gêneros de tradição oral como contos, lendas, parlendas, quadrinhas, mitos, adivinhas, cantos e brincadeiras de roda, pois são elementos constitutivos da cultura infantil brasileira e que além da sua relevância sócio-histórica, potencializam o processo de aprendizagem. Por seu caráter lúdico, convidam as crianças a brincarem com as palavras.

Porém, apesar da relevância sociocultural da oralidade, Leal e Gois (2012), afirmam que este é o eixo de ensino menos prestigiado no currículo escolar. Uma pesquisa realizada por Souza (2013), revelou que, dentre os 174 trabalhos publicados nos Anais da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Educação (ANPED) nas últimas décadas, apenas oito pesquisas tratavam do eixo oralidade, o que aponta para a necessidade de ampliar as discussões sobre o tema.

Em vista disso, o presente trabalho trata-se do recorte de uma pesquisa de revisão teórica, realizada acerca do ensino da oralidade no Ciclo de Alfabetização, tendo como base de dados, os anais do Congresso Brasileiro de Alfabetização (CONBALF). O objetivo aqui é dialogar acerca das contribuições da pesquisa acerca da utilização dos textos de tradição oral no processo de alfabetização e letramento.

### 2. METODOLOGIA

Realizamos a Análise de Conteúdo (MORAES, 1999) de 30 trabalhos dos Anais do CONBALF de 2013 a 2021, onde identificamos uma presença marcante de práticas pedagógicas com o uso dos gêneros de tradição oral. Fundamentando-se nas contribuições de Gomes e Moraes (2013), compreendemos que os gêneros de tradição oral são elementos da cultura popular, caracterizados pelo compartilhamento verbal através das gerações. No livro “Alfabetizar letrando com os gêneros de tradição oral”, os autores atentam para a centralidade da figura mítica do contador de história, aquele que, mesmo inserido na sociedade urbano-

industrial, não se perdeu no tempo, e se faz presente em rodas de esquina, conversas telefônicas e no cotidiano escolar, nos guiando por um mundo imaginário e fantasioso, que evoca a força de nossos pensamentos com o domínio da palavra oralizada.

Aos professores narradores, os referidos autores propõem uma abordagem pedagógica com maior proximidade aos saberes e fazeres populares, a partir do diálogo com a tradição oral. O acervo da literatura oral, da *oratura*, é apresentado como um recurso lúdico no processo de alfabetização e letramento, potencializador de momentos significativos para as crianças, que antes de escrever, já exploram o universo dos textos orais.

Porém, Leal e Gois (2012) chamam a atenção para o ensino sistemático da oralidade. Para que o aluno desenvolva competências linguísticas neste campo, ele precisa vivenciar, através de práticas pedagógicas intencionais e mediadas, situações de uso desses recursos. Isso porque, além dos elementos linguísticos relacionados à morfologia, sintagma, semântica e a prosódia (melodia, ritmo e entonação), os aspectos não linguísticos como gestos, distância, iluminação e roupas, também são constitutivos da comunicação oral.

Para isso, o trabalho com gêneros orais deve estar presente nas práticas pedagógicas de forma articulada com os gêneros escritos, a fim de desenvolver aquilo que Kleiman (2002) chama de Oralidade letrada.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da investigação realizada nos anais do CONBALF, identificamos que 6 dos 30 trabalhos que abordavam o ensino da oralidade – 26,6% - tinham a presença dos gêneros de tradição oral, sempre associado à apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). De acordo com Cabral, Santo e Lima (2017), isso se dá pois os gêneros de tradição oral costumam ser de fácil memorização e podem contribuir para o desenvolvimento de todos os eixos da Língua Portuguesa, sobretudo o eixo de análise linguística, pois são ricos em rimas, aliterações e jogos linguísticos, que contribuem para o desenvolvimento de hipóteses acerca do SEA. Segundo os autores:

Esses gêneros têm o poder de criar um vínculo prazeroso das crianças com a leitura e a escrita, já que são textos jocosos, cuja despretensão lógica e a transformação da língua em algo cheio de desafios e de gracejos, como no caso dos trava línguas e das parlendas é o principal ingrediente. Esses textos, cheios de magia infantil, criam condições de reflexão fonológicas e, por isso, infindas possibilidades de refletir sobre a língua em sua estrutura sonora, semântica e composicional. (CABRAL; SANTO; LIMA, 2017, p.817)

É possível perceber que, mesmo em relação a outros eixos linguísticos, a exploração de gêneros da tradição oral faz parte da cultura escolar. Cabral Santo e Lima (2017) afirmam ainda que, a sonoridade, a corporeidade e o descompromisso com a lógica formal presente nas parlendas, trava-línguas, quadrinhas, adivinhas, cantigas e poemas são verdadeiros “brinquedos linguísticos”.

A ludicidade presente nos textos de tradição oral nos convida a mergulhar na cultura popular brasileira. Ao observar os trabalhos do CONBALF, encontramos trabalhos riquíssimos nesse sentido. O relato de experiência de Veiga (2013), por exemplo, apresenta um projeto desenvolvido a partir de narrativas folclóricas brasileiras, com turmas de 3ºs anos. A proposta consistia em recontar, reinventar

e registrar de forma escrita, mitos e contos folclóricos compartilhados em seu contexto familiar. Segundo a autora, além dos gêneros primários, de menor formalidade, gêneros de secundários de maior grau de formalidade puderam ser contemplados no projeto, como o júri simulado em que as crianças podiam “depor” contra os personagens fictícios.

Em outro trabalho, Tinoco, Peixoto e Luqueti (2019) apresentam como os fraseologismos regionais, como provérbios, gírias, idiomatismos como “procurar sarna pra se coçar”, podem ser inseridos nas práticas pedagógicas como recurso para o trabalho com a diversidade linguística brasileira, visto que são unidades lexicais complexas, imprevisíveis, e que fazem parte do léxico do educando, contribuindo para o reconhecimento de diferentes manifestações da língua.

Pessoa, Lima e Barros (2019), apresentaram uma investigação pedagógica acerca do ensino da cultura afro-brasileira, onde analisaram o desenvolvimento de um projeto didático de contos e recontos africanos, em que foram desenvolvidas diversas práticas, como pesquisa de palavras de origem africana, exploração de brincadeiras, jogos, danças e apresentações orais.

Entretanto, encontramos dados de pesquisa que atentam para uma secundarização do eixo oralidade nas práticas de alfabetização. Ao investigar a visão de professores dos anos iniciais sobre a contribuição das narrativas orais de histórias para a aprendizagem dos alunos de classes de alfabetização, Zanlotenzi e Silva (2021) concluíram que há uma falta de conhecimento sobre o tema e que as narrativas orais no processo de alfabetização têm sido utilizadas como estratégia pedagógica para o ensino de outros conteúdos.

Em um trabalho publicado na última edição do CONBALF, Souza e Pessoa (2021) analisaram que os textos da tradição oral estavam presentes em todos os 36 cadernos utilizados na formação do PNAIC no ano de 2013, porém, das 30 abordagens identificadas, apenas 11 relacionavam-se ao eixo da oralidade.

#### **4. CONCLUSÕES**

A análise dos trabalhos apresentados no CONBALF revela a potencialidade do uso dos textos de tradição oral no processo de alfabetização e letramento. Os estudos destacam a importância de um ensino intencional e sistemático da oralidade que valorize a diversidade cultural e linguística, sobretudo, a partir da ludicidade.

Ademais, observamos que a exploração dos gêneros de tradição oral muito se dá em relação a outros eixos, visto que suas características memoráveis tem um papel fundamental na aquisição do Sistema de Escrita Alfabética. No entanto, ratifica-se a necessidade de superar as práticas que secundarizam os direitos da aprendizagem relacionados a este eixo, promovendo uma maior valorização da oralidade no contexto da alfabetização, para que se possa desenvolver uma oralidade letrada fundamentada na exploração do amplo acervo artístico e cultural que é a oratura brasileira.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral – DICEI. Coordenação Geral do Ensino Fundamental – COEF. Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo básico de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do ensino fundamental. Brasília, DF: MEC, 2012.

CABRAL, Vandilma Salvador; SANTO, Edeil Reis do Espírito; LIMA, Edna Cristina Oliveira. Os gêneros orais e as habilidades fonológicas: perspectivas teórico-metodológicas. In: Anais do III CONBALF, 3º edição, 2017. Disponível em: [https://www.abalf.org.br/\\_files/ugd/64d1da\\_f0248f9c6953497387ebd9edad75139.pdf](https://www.abalf.org.br/_files/ugd/64d1da_f0248f9c6953497387ebd9edad75139.pdf). Acesso em: 25. Mai. 2023.

GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano. Alfabetizar letrando com a tradição oral. Cortez Editora, 2013.

KLEIMAN, Angela B. Oralidade letrada e competência comunicativa: implicações para a construção da escrita em sala de aula. Scripta, 2002.

LEAL, Telma Ferraz; GOIS, Siane. A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Autêntica, 2012.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves; LIMA, Juliana de Melo; BARROS, Sheila Cristina da Silva. Mediação docente e apreciações valorativas de crianças do 3º ano do Ensino Fundamental sobre a atividade de exposição oral. In: Anais do IV CONBALF, 4º edição, 2019. Disponível em: [https://www.abalf.org.br/\\_files/ugd/64d1da\\_1399aa84646144719880e3dd9a326d5d.pdf](https://www.abalf.org.br/_files/ugd/64d1da_1399aa84646144719880e3dd9a326d5d.pdf). Acesso em: 25. Mai. 2023.

SOUZA, Júlia Teixeira. A oralidade na proposta curricular de Camaragibe: o que pensam as professoras?. In: Anais do I CONBALF, 1º edição, 2013. Disponível em: [https://www.abalf.org.br/\\_files/ugd/64d1da\\_ef0dff16aa274c95a883d1e2492948f5.pdf](https://www.abalf.org.br/_files/ugd/64d1da_ef0dff16aa274c95a883d1e2492948f5.pdf). Acesso em: 25. Mai. 2023.

SOUZA, Júlia Teixeira; PESSOA, Ana Cláudia R. Gonçalves. Ensino da oralidade: abordagem da dimensão valorização dos textos de tradição oral nos cadernos do PNAIC 2013. In: Anais do V CONBALF, 5º edição, 2021. Disponível em: [https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V\\_CBA/ppr/paper/viewFile/1246/810](https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V_CBA/ppr/paper/viewFile/1246/810). Acesso em: 25. Mai. 2023.

TINOCO, Dhienes Charla Ferriera; PEIXOTO, Priscila de Andrade Barroso; LUQUETTI, Eliana Crispim França. Fraseologismos regionais: ensino das expressões idiomáticas no processo de alfabetização e letramento. In: Anais do IV CONBALF, 4º edição, 2019. Disponível em: [https://www.abalf.org.br/\\_files/ugd/64d1da\\_1399aa84646144719880e3dd9a326d5d.pdf](https://www.abalf.org.br/_files/ugd/64d1da_1399aa84646144719880e3dd9a326d5d.pdf). Acesso em: 25. Mai. 2023.

VEIGA, Patrícia Regina Vannetti. 'Alfabetismo Social': oralidade e escrita das narrativas populares no Brasil no ensino fundamental. In: Anais do I CONBALF, 1º edição, 2013. Disponível em: [https://www.abalf.org.br/\\_files/ugd/64d1da\\_ef0dff16aa274c95a883d1e2492948f5.pdf](https://www.abalf.org.br/_files/ugd/64d1da_ef0dff16aa274c95a883d1e2492948f5.pdf). Acesso em: 25. Mai. 2023.

ZANLOTENZI, Claudia Maria Petchak; SILVA, Paola Helena Muxfeldt Morando da. Narrativas orais de histórias: a visão do professor alfabetizador. In: Anais do V CONBALF, 5º edição, 2021. Disponível em: [https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V\\_CBA/ppr/paper/view/881/734](https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V_CBA/ppr/paper/view/881/734). Acesso em: 25. Mai. 2023.